
ARTIGOS

*IDENTIDADES RELIGIOSAS,
ARTE E PRÁTICAS
SOCIAIS NO BRASIL*

Narrativa e cura em preces populares brasileiras

*Eduardo Basto de Albuquerque**

Resumo

As preces populares brasileiras estruturam-se em fórmulas tradicionais contendo núcleos temáticos que expressam atitudes e representações coletivas. Dirigidas aos santos católicos, pedem benefícios como amor, casamento, dinheiro, emprego, defesa de inimigos físicos e espirituais e cura de doenças. Estas últimas caracterizam-se pela narrativa da origem da doença e das estratégias para sua cura. Sua história mostra: 1) Permanência perante as repressões e desclassificações: da Inquisição dos séculos XVI ao XVIII; dos viajantes estrangeiros; dos folcloristas e eclesiásticos brasileiros desde o século XIX, todos as considerando como fruto da ignorância; dos Códigos Penais de 1898 e 1940 nos quais o uso de preces de cura é crime. 2) Passagem da oralidade para a escrita desde o século XIX. Atualmente são editadas pela indústria cultural em livros populares para resolver problemas cotidianos, mantendo as fórmulas tradicionais.

Palavras-chave: preces; catolicismo; cura de doenças; narrativa; indústria cultural.

Narrative and Cure in Popular Brazilian Prayers

Abstract

Brazilian popular prayers are structured in traditional formulas that express mystical attitudes and collective representations. They are addressed to the Catholic saints and ask for love, marriage, money, physical and spiritual defense, employment and cures of diseases. The last are characterized by the narrative of disease's origins and by the strategies of cure. Their history shows: 1) Permanence in front of repression alike: the Catholic Inquisition from 16th to 18th Centuries; the foreign travelers; the folklorists and Brazilian

* A versão em inglês deste artigo, sob o título *Narrative and cures in Brazilian prayers*, foi apresentada no 18th Quinquennial Congress of the International Association for the History of Religions, em Durban, South África, 2000 (Nota de Leila Marrach Basto de Albuquerque. Eduardo Basto de Albuquerque foi professor por várias décadas do curso de História da UNESP de Assis).

ecclesiastics since 19th Century who considered them as fruit of the ignorance; in the Penal Codes of 1898 and 1940, which the use of cure prayers is crime. 2) Passage from the oral to writing since 19th Century. Nowadays, they are published by the cultural industry in popular books to solve daily problems, maintaining the traditional formula.

Keywords: prayers; Catholicism; cure of diseases; narrative; cultural industry.

Narrativa y sanidad en oraciones populares brasileñas

Resumen

Las oraciones populares brasileñas se estructuran en fórmulas tradicionales conteniendo núcleos temáticos que expresan actitudes y representaciones colectivas. Dirigidas a los santos católicos, piden beneficios como amor, casamiento, dinero, empleo, defensa de los enemigos físicos y espirituales, y la cura de enfermedades. Estas últimas se caracterizan por la narrativa del origen de la enfermedad y de las estrategias para su curación. Su historia muestra: 1) La permanencia frente a las represiones y desclasificaciones por parte de la Inquisición de los siglos XVI al XVIII, de los viajeros extranjeros, de los folcloristas y eclesiásticos brasileños desde el siglo XIX, considerándolas todos como fruto de la ignorancia; y de los Códigos Penales de 1898 y 1940 en los cuales el uso de las oraciones de cura es crimen. 2) El pasaje de la oralidad para la escritura desde el siglo XIX. Actualmente son editadas por la industria cultural en libros populares para resolver problemas cotidianos, manteniendo las fórmulas tradicionales.

Palabras clave: oraciones; catolicismo; cura de enfermedades; narrativa; industria cultural.

O objetivo deste *paper* é analisar as transformações e/ou as permanências da história das preces populares brasileiras, tratando-as como documentos da história da experiência religiosa, dos ritos, dos mitos e dos símbolos da religião popular ou folclórica.

A prece é uma das manifestações mais universais da religiosidade. Encontramo-la em todos os universos religiosos, em diversos espaços e tempos, mantida pela tradição ou surgindo espontaneamente. Rezar é um dos comportamentos básicos da cultura.¹

As preces populares no Brasil têm grande importância, pois é comum encontrá-las publicadas na seção de classificados de jornais diários, por exemplo, do Estado de São Paulo, da capital ou do interior. Tomemos um indicador: num pequeno livro vendido em bancas de jornal sem aprovação ou recomendação de qualquer Igreja, oferecem-se 100 preces, cujas finalidades são muitas. Para

¹ CINTRA, Frei Raimundo, MURARO, Rose Marie. **As mais belas orações de todos os tempos.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1994. 9.ª ed. Prefácio de Tristão de Athayde.

ajudar na profissão, para trazer alguém de volta, para tudo correr bem, contra bicho peçonhento, para agradecer uma graça recebida, para saber quem irá para o céu, para as crianças fracas e doentes, para derrotar inimigos, para conservar a beleza com humildade, pela vida solitária e errante, para fechar o corpo contra todos os perigos, para curar dor de cabeça, contra o falso testemunho, para afastar o mal, contra todos os vícios, para os pés, contra faíscas e raios, para não faltar pão, para afastar mal olhado, para estancar o sangue, para resistir às tentações, para começar bem o dia, para antes de peão montar, contra desmaios e ataques epiléticos, contra impingem, para aplacar a ira das pessoas, contra feitiçarias e práticas diabólicas, para afastar maus espíritos, para agradecer o bem recebido, para obter calma, contra a estiagem, para antes de viajar, para a proteção da casa, para a proteção de animais caseiros, contra inimigos, para trazer uma pessoa de volta, para expulsar o diabo, contra a peste, contra a febre intensa, contra a ira, contra queimadura, contra a poluição, para obter emprego, para curar dores de dentes, para escolher uma profissão, para curar deslocamentos de ossos, para crer na justiça divina, para humildade e perseverança, para pedir tudo o que se deseja, para obter companheiro, para pedir dinheiro extra, para sair de casa, contra a tempestade, para pedir herdeiros, para pessoa falecida, para pedir casamento, para melhorar a visão, para curar de vermes, para amizade perfeita, para bom resultado em negócio, para obter ou conservar o amor de um homem, para conversão dos infiéis, pelos presos e torturados, para a defesa da Pátria, para proteção dos enfermos, para ganhar no bicho.² Esta relação não cobre todos os aspectos a que se destinam as orações populares, mas traçam um quadro do cotidiano que pretendem proteger.

Ressaltemos que as preces populares tanto se dirigem a Deus, como a Jesus Cristo, à Virgem Maria ou a qualquer um dos santos católicos. São, portanto, orações que se filiam essencialmente ao Catolicismo. Mas é difícil distinguir as orações populares das orações aprovadas pelas autoridades eclesiásticas, portanto, “oficiais”. Para tanto, o critério normalmente utilizado pelos autores eclesiásticos é que as orações oficiais seriam “religiosas” e mais espiritualizadas, enquanto as preces populares seriam “mágicas” e “supersticiosas”, porque pediriam coisas materiais.³ Tal critério é impreciso porque

² **Rezas, Orações, Preces.** São Paulo: Rita Carnetti Editora, 1991-1992.

³ **BOAVENTURA, Frei. Nossas superstições.** Petrópolis: Vozes, 1959.

em pequenos manuais, aprovados pelas próprias autoridades eclesiásticas, podemos encontrar finalidades semelhantes às das orações populares como: defesa contra tempestades, secas, pragas, picada de cobra, epidemia, inveja e malefício, realização de casos impossíveis, solução de casos desesperados, por namorados, proteção contra o demônio, de apoio ao estudante, pelas vocações religiosas, contra o fumo, contra a neurose, contra doenças da garganta, para achar coisa perdida, entre outras.⁴ Assim, tal conceito é ambíguo e com alcance reduzido fora da teologia por dois motivos: primeiramente, trata-se muito mais de um conceito descaracterizador e de ataque à religião popular; em segundo lugar, é um critério histórico porque houve períodos em que a instituição eclesiástica promoveu algumas das orações hoje populares e condenadas.

Assim, temos de buscar outro critério. E para isso, é melhor refletirmos um pouco sobre o que são as orações em geral. Lembremos a pista fornecida por Marcel Mauss: as orações são uma espécie de súplica das crenças de uma religião e, ao mesmo tempo, um instrumento de contato com o sagrado, um ritual.⁵ Ora, as orações oficiais católicas buscam transmitir os elementos doutrinários ortodoxos, daí seus textos conterem ou trechos retirados dos textos bíblicos ou composições, em geral, dos santos, mas todas foram examinadas e sancionadas pelas autoridades eclesiásticas, o que permite e recomenda sua utilização pelos fiéis.

No tocante às orações populares, são condenadas em bloco e consideradas “superstição” pelas autoridades eclesiásticas. O atual bispo auxiliar de Salvador, Bahia, Frei Boaventura, considera a superstição como uma paródia da religião que prende seus adeptos nas malhas do fanatismo e do fatalismo.⁶

Quando nos debruçamos sobre os textos das preces populares verificamos que tanto os textos bíblicos como a vida dos santos são manipulados com grande liberdade, criando e expandindo lendas. É essa liberdade, pois, que é condenada pela Igreja.

Por esses motivos, o critério que adotamos, mesmo não sendo totalmente satisfatório porque não verifica o teor interno delas,

⁴ SCOPEL, Pe. Paulo José. **Ritual Popular**. Porto Alegre: Paróquia São Jorge, 1986. SCOPEL, Pe. Paulo José. **Orações e Santos Populares**. Canoas, RS: Escola Profissional La Salle, 1995.

⁵ MAUSS, Marcel. A Prece. In **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981, pp. 239-324.

⁶ Idem.

para distinguir as orações oficiais das preces populares é que estas últimas *não são aceitas oficialmente pela Igreja*.

O exame horizontal das preces populares brasileiras que coletamos demonstra que são milhares de fórmulas, abarcando também milhares de circunstâncias e situações cotidianas. Consideradas antigas, quem recita as entende como orações com a mesma validade das orações oficiais. No final dessas fórmulas, na maioria das vezes, acrescenta-se a obrigação de recitar alguns Pai-nossos ou Ave-Marias. Muitas são carregadas de poesia rimada e com ritmos. Murmuradas pelos fiéis, as preces populares ignoram os louvores gratuitos, desinteressados; sempre pedem algo. Seu prestígio advém de se beneficiarem da consagração social. Possuem muitas variantes, mas se remetem a determinados padrões; a iniciativa pessoal para criá-las é limitada. A transmissão fiel das palavras é considerada fundamental para sua eficácia. Mas nem todas as orações têm o mesmo valor, sendo algumas tidas com maior poderio: são as orações “fortes” ou “bravas”. Tanto estas quanto as “fracas” são entendidas como palavras sacrais que criam e desfazem os males. Algumas de suas expressões só têm valor quando acrescidas de algumas palavras que se percebe ser longinquamente de origem latina, grega ou hebraica. Mantendo a maior fidelidade possível às fórmulas transmitidas pelos antepassados, busca-se a sua eficácia que, por sua vez, também se relaciona com números. Estes, crescem ou diminuem, mas não podem ser pulados. Eficácia que depende do tempo propício, dos momentos do dia a que se destinam, como o nascer do sol, a saída de casa, a tempestade, o crepúsculo etc. Gestos acompanham tais fórmulas.

Entre os autores brasileiros que elaboraram uma tipologia dessas fórmulas, Câmara Cascudo apresenta das mais abrangentes, distinguindo *oração* (“fórmula de pedido a Deus”), *oração-forte* (“súplicas dirigidas a Deus ou aos santos, fórmulas que não devem ser usadas comumente”), *reza-de-defunto* (“conjunto de orações rezadas em voz alta ou cantadas diante do morto”), *breve* (“saquinho de pano ou couro contendo uma oração qualquer”), *beneditos* (“canto religioso com que são acompanhadas as procissões”), *ensalmos* (“oração supersticiosa composta ordinariamente de palavras tiradas dos salmos, com que os curandeiros e impostores prometem curar enfermidades”), *excelência* (“canto à cabeça dos moribundos ou dos mortos, cerimonial de

velório”).⁷ Esta tipologia facilita identificar as principais circunstâncias diárias e fases da vida em que são empregadas pelos fiéis.

Discordamos, antes de qualquer coisa, que tais fórmulas sejam desprovidas de sentido, pedaços decaídos da religião “oficial” clerical. Consideramos que elas são elementos fundamentais da estrutura da religião popular, mantendo em seu interior o entrecruzamento de múltiplas experiências religiosas, principalmente de releituras do Cristianismo.

Tomemos o caso de algumas orações de cura de males e doenças. Não fizemos uma análise estatística, mas é muito possível que 50%, pelo menos, das preces populares se destinem à cura. Como toda prece popular, possuem muitas variações. Eis três exemplos:

1) “Homem bom, mulher má, / janta bem, ceia mal; / esteira velha, espinha de peixe. / Homem bom, mulher má, / janta bem, ceia mal./ Mandou dizer N. S. Jesus Cristo / que esta engasgação ou suba ou desça. Rezar fazendo cruzeiros na goela da pessoa.”⁸

2) “São Brás, bispo, pede o Mestre: / Ou sobe ou desce. / Olha a palavra que Deus disse: / Homem bom, mulher má; / esteira rota, coberta de palha. / A maré para onde enche, para aí mesmo ela vasa, / São Brás. Pai, Filho, Espírito Santo. Amém. Rezar 3 vezes e benzer com um raminho”.

3) “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. / São Brás, bispo de Roma, Jesus disse: / Que sobe ou desce ou desaparece. / Homem bom e mulher má. / Esteira rota e deitou Jesus num poleiro de pombal. Reza 1 Pai-Nosso, 3 Ave-Marias e oferece para Bom Jesus e São Brás.”⁹

Estas orações são acompanhadas de gestos, algum líquido e/ou ramos de diversas plantas. O texto “*per si*” de tais preces são estranhos, mas ganham compreensão quando colocados lado a lado com estórias da literatura popular que tratam de aspectos da vida de Jesus e de alguns santos. O prof. Osvaldo E. Xidieh colheu algumas dessas narrativas. Dada a dificuldade de tradução integral, darei o resumo

⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969. Vol. I, pp. 236, 288-289, 584,596; Vol. II, pp. 309, 309-315, 543.

⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Com Deus me deito, com Deus me levanto: orações da religiosidade popular católica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1979, p.137.

⁹ Idem, pp. 139-141.

daquelas que tratam das mesmas coisas das orações 1, 2 e 3.

1) Depois que Jesus morreu, Santa Verônica saiu pelo mundo com seu filho São Brás. Não podiam parar em nenhum lugar porque eram perseguidos por um rei. Um dia, passaram na casa de uma mulher que estava cozinhando. São Brás, que era criança, pediu um pouco de comida, mas a dona da casa negou porque era pouca e destinada a seus filhos. São Brás e Santa Verônica foram embora; quando estavam distantes ouviram um grito de mulher. Voltaram correndo e viram o filho da dona da casa no chão, com falta de ar. Santa Verônica chamou seu filho e pediu-lhe para se lembrar como Jesus fazia para curar. São Brás bate nas costas do menino dizendo a oração: - “São Brás menino, / São Brás moço, / Tirai o engasgo / do seu pescoço”. Então, em nome de Jesus, o menino sarou.¹⁰

2) Jesus e São Pedro pediram hospedagem e comida numa casa. O dono da casa permitiu, mas sua esposa gritou, jogou a comida no chão e sujou as camas de dormir. Então, o homem disse que só tinha camas no paiol. Jesus e São Pedro foram ali dormir. A mulher má estava doente com o seio inflamado e, no meio da noite, gritou de dor. O marido desesperado chamou Jesus e São Pedro. Jesus, com um ramo de vassoura, mandou a mulher colocar o seio para fora e benzeu-a com as palavras: “Homem bom, / Mulher má, / casa molhada, / cama de pau”. Repetiu três vezes, entrecruzando o peito da mulher, dizendo que quem quisesse fazer este benzimento tinha de rezar três Padre-Nossos, três Ave-Marias e oferecer à sagrada paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.¹¹

Tanto as orações quanto as narrativas perdem bastante com a tradução porque remetem a objetos e costumes da cultura popular brasileira e, no caso das orações, possuem rimas poéticas. Mas percebemos que as preces de cura são uma espécie de resumo dessas narrativas sobre algum episódio da vida de um santo ou da própria vida de Jesus. Lembremos: as orações é que são utilizadas para a cura e não as narrativas. A relação entre ambas é de interpenetração. Elas se misturam, colocam situações de uma narrativa em outra, numa oração em outra, por vezes criando-se frases e dispondo-as

¹⁰ XIDIEH, Osvaldo Elias. **Narrativas Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo Mundo**. Intr. Alfredo Bosi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993, p. 72; colhida em Mogi das Cruzes, Estado de São Paulo.

¹¹ Ob. cit., p. 49. Colhida em Mogi das Cruzes.

com certa liberdade, mas limitando-se aos motivos tradicionais e, podemos até afirmar, repetindo as mesmas fórmulas.

É difícil decidir se a narrativa precede historicamente a oração ou vice-versa, mas é possível que fossem utilizadas em conjunto e, posteriormente, separaram-se. De qualquer modo, ambas remetem-se à origem das curas conhecidas pela tradição popular inserido-as no mundo das concepções cristãs, em episódios de quando Jesus (ou algum santo) andou pelo mundo. No entanto, não são os episódios narrados pelos Evangelhos canônicos. Xidieh mostrou que as fontes dessas histórias seriam os Evangelhos Apócrifos, como o Evangelho Árabe da Infância, o Evangelho do Proto-Mateus, o Evangelho Armênio da Infância, o Evangelho de São Tomás, entre outros e até o próprio Corão.¹²

Notemos que os Apócrifos explicam pormenores que os Evangelhos canônicos não o fazem da vida de Jesus Cristo, de Maria, de José e de alguns apóstolos. O autor português Mário Martins afirma que em Portugal houve a circulação dos Apócrifos durante a Idade Média.¹³ Permanência atestada pelos Índices da Inquisição portuguesa dos séculos XVI e XVII que os colocam na relação dos livros proibidos. Assim, não é de espantar a sua presença em narrativas e orações populares brasileiras, já que se busca explicar o que toca diretamente ao cotidiano dos fiéis e que os Evangelhos ortodoxos não falam (e também os sermões dos padres porque se fundamentam nos textos canônicos).

As narrativas de curas que vimos tratam da origem da cura, mas da não origem das doenças, inserido-as num contexto cristão: o tempo em que Jesus viveu, que andou pelo mundo e morreu; o tempo que algum santo viveu e foi martirizado. Não o tempo histórico, irreversível e único, porém um tempo no qual, para a religião popular, as pequenas coisas foram criadas identificando-se as doenças e os males, fornecendo as explicações e os procedimentos para a sua cura. Mas não se trata de uma simples permanência e transposição mecânica cotidiana de restos de concepções tradicionais. Vai-se além dos Apócrifos e dessas lendas: há variantes das narrativas e das orações; os animais, os alimentos ali presentes, por exemplo, são brasileiros. Permanência sim, mas com liberdade de criar em cima de alguns núcleos temáticos que se entremeiam. As

¹² Ob. cit., pp. 73-80.

¹³ MARTINS, Mário. **Correntes da Filosofia Religiosa em Braga nos séculos IV a VII**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1950, p. 46.

orações e narrativas falam de um tempo que não é dos acontecimentos históricos, mas o tempo dos acontecimentos maravilhosos, no qual eram criadas as receitas para enfrentar os males. Conhecendo tais explicações, pode-se então atuar sobre tais males.

O que observamos nestas orações e narrativas lembram as características do mito. Lévi-Strauss fala na eficácia simbólica da cura xamanística, na qual uma história maravilhosa contada das possíveis origens de complicações de um parto permite que chegue a bom termo.¹⁴ Abordando o mito, disse Mircea Eliade:

É importante enfatizar que, nesses encantamentos mágicos de cura, os *mitos da origem dos medicamentos* estão sempre inter-relacionados com o *mito cosmogônico*. Sabe-se que nas práticas de curas dos povos primitivos, como aqueles que se baseiam na tradição, o medicamento só alcança eficácia quando se invoca ritualmente, diante do doente, a origem dele. Um grande número de preceitos mágicos do Oriente Próximo e da Europa incluiu a história da doença ou do demônio que a causou e esconjura o momento mítico, no qual se exige a uma divindade ou santo que vença o mal. Parece assim que o mito de origem é uma cópia do mito cosmogônico, pois este serve de exemplo para todas as origens. Por isso, surge também, muitas vezes, nos exorcismos terapêuticos, o mito cosmogônico do mito da origem, e até se confunde com ele.¹⁵

Se tais preceitos são encontrados na Europa, foram trazidos para o Brasil através da colonização européia, com uma diferença: a identidade não é completa entre as orações populares brasileiras e o mito, não há nelas a criação do mundo, mas o momento primordial em que a Divindade (afinal, Jesus é o Filho de Deus) viveu entre os homens e curou. Não encontramos estórias propriamente de como as doenças surgiram, ao menos na explicação de Eliade, o que as afasta parcialmente do mito.

As narrativas e orações de cura apontam para a permanência de concepções religiosas tradicionais, escondendo que há uma longa história de repressões e combates pela destruição das bases culturais que as fundamentam.

As preces populares brasileiras foram criadas em sua grande maioria em Portugal, já que encontramos textos similares no pre-

¹⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967, pp. 215- 236.

¹⁵ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano. A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 71.

sente e no passado de ambos os países. O grande período de sua implantação e difusão foi o período colonial. Essa conclusão advém de que as preces estão difundidas em toda a extensão do território do Brasil, quando então o Cristianismo somente competia com as concepções religiosas indígenas e africanas. O teor comum de muitas ou da maioria das orações portuguesas e brasileiras mostra que não poderiam ter se originado das religiões indígenas e africanas.

É muito provável que não tenhamos textos de orações populares portuguesas no período medieval. Se não os temos diretamente, possuímos informações de práticas onde possivelmente as orações eram utilizadas. Na maioria das vezes são os eclesiásticos que se referem a práticas condenáveis. No século VI, o bispo Martinho de Braga, que fora monge do convento de Dume, no texto denominado *De Correctione Rusticorum*, se refere a vários usos que eram distantes do Cristianismo.¹⁶ Martinho conclui que todas essas práticas eram demoníacas, às quais os batizados como cristãos deveriam renunciar. Não apresenta nenhum texto de oração, mas sua relação dos costumes condenados bem poderia envolvê-las porque guarda proximidade com os de mil anos depois.¹⁷

Notamos estas persistências de práticas populares em vários momentos históricos. Teófilo Braga observou que uma postura da Câmara Municipal de Lisboa, de 1385, expõe circunstancialmente muitos casos do maravilhoso popular.¹⁸ Quase vinte anos depois, em 1403, foi estabelecida uma lei contra os feiticeiros.¹⁹ Estes exemplos mostram uma persistência de concepções que bispos e monarquia condenavam. Mas não há indicações de orações: presumimos que estão implícitas nas práticas e crenças populares. É só com o estabelecimento da Inquisição em Portugal, no século XVI,²⁰ que as orações e textos correlatos são colocados por escrito. Os índices expurgatórios da Inquisição referenciam-se expressamente a várias delas.

¹⁶ MARTINHO DE BRAGA. **Instrução Pastoral sobre Superstições Populares.** *De Correctione Rusticorum*. Edição, tradução, introdução e comentário de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Cosmos, 1997, p. 121.

¹⁷ SANCHIS, Pierre. **Arraial. Festa de um povo. As romarias portuguesas.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, pp. 64 ss.

¹⁸ BRAGA, Theofilo. **História da Poesia Popular Portuguesa.** Porto: Typographia Lusitana, 1867, p. 99.

¹⁹ Ob. cit., pp. 100, 101-102.

²⁰ SARAIVA, António José. **A Inquisição Portuguesa.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1958.

No Índice de 1561, foram condenadas certas orações consideradas como supersticiosas.²¹ Entre elas, estavam a “da emparedad”, a de São “Sebrião”, a do Testamento de Jesus Cristo, a de S. Marina por si pequena, a do Justo Juiz, a do Conde, a de São Lião Papa etc.²² As condenações repetem-se e ampliam-se nos índices de 1564²³, de 1581²⁴ e de 1624.²⁵ Os índices não transcrevem as orações condenadas. Os textos propriamente ditos das orações aparecem nos processos inquisitoriais. Um exemplo será suficiente. No Processo de Luis de La Penha em Évora, 1626, que foi acusado de adivinhar, curar e benzer com palavras e outras coisas, encontramos várias orações, entre outras a de São Marco e de São Manso²⁶, e a chamada *Devoção da estrella formosa*²⁷

Pensamos que as orações populares portuguesas originaram-se não no século XVI mas bem antes, e isso por dois motivos. Por um lado, o aparelho inquisitorial trabalhava sobre uma realidade que lhe era pré-existente, ao menos no tocante à religiosidade popular, e que havia resistido por séculos às investidas dos bispos. Por outro, apesar da repressão empreendida pela Inquisição em Portugal por mais de três séculos, as orações condenadas sobreviveram. A partir de meados do século XIX vários autores portugueses começaram a coletá-las junto à cultura oral popular. Dispomos, assim, de vastas coleções dessas orações populares. Muitas persistiram no Brasil; temos o exemplo apresentado por Alceu Maynard de Araújo que, na década de 1950, coletou a famosa “Oração de Nossa Senhora do Monserrate”. Pois bem, esta oração aparece como preocupação inquisitorial em Portugal, 1709, quando o vigário frei Bernardo Dias enviou para a Inquisição de Coimbra uma denúncia de ter conhecimento de um homem que trazia consigo uma “oração” a qual usava como amuleto e que propiciava uma proteção fantástica. Contava-se que um peregrino que a possuía tinha sido sujeito de um verdadeiro milagre quando se dirigia para Monserrate, na

²¹ RÊGO, Raul. **Os Índices Expurgatórios e a Cultura Portuguesa**. Lisboa: Ministério da Educação e das Universidades, 1982, p. 55.

²² Ob. cit., p. 56.

²³ Ob. cit., pp. 67-68.

²⁴ Ob. cit., p. 82.

²⁵ Ob. cit., pp. 103 e 105.

²⁶ PEDROSO, Consiglieri. **Contribuições para uma mitologia popular portuguesa e outros escritos etnográficos**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. Prefácio, organização e notas de João Leal; p. 175.

²⁷ Idem, pp. 176-177.

Espanha.²⁸ Quando comparamos os textos, o brasileiro (de Araújo) e o português (do século XVIII), verificamos um conteúdo comum, com quase as mesmas palavras, mostrando a relação direta das orações portuguesas com as brasileiras e a persistência secular das primeiras na cultura popular brasileira.

Outra conexão que podemos estabelecer é a presença das orações populares nos processos da Inquisição instaurados no Brasil. Os documentos inquisitoriais são fontes inestimáveis sobre a cultura e sociedade coloniais, descrevendo procedimentos condenados, mas informando nome dos personagens. É uma das poucas vezes que as pessoas do povo existem de forma concreta, sendo nomeadas e tendo biografias. Nesses processos, ocorridos dos séculos XVI ao XVIII, há um repositório de orações populares, mostrando aquelas que chegaram até nós e informando como eram utilizadas. A historiadora Laura de Mello e Souza²⁹ é uma das poucas que trabalhou com elas. A grande maioria delas versa fundamentalmente sobre resolução de problemas amorosos, mas encontramos também muitas voltadas para a cura de doenças e outras adversidades. Por seu uso, as pessoas eram censuradas e por vezes condenadas. Dentre as orações que compareciam nos processos inquisitoriais ressalto a de São Marcos³⁰ que, aliás, sobrevive até os nossos dias³¹, mas muitas outras também ali estão.

No século XIX vários viajantes estrangeiros estiveram no Brasil e observaram aspectos da religião popular. George Gardner, que esteve no Brasil entre 1836-1841 com o objetivo de estudar a flora e a fauna brasileiras, descreveu a cura para a picada de cobra na qual foi utilizado um talismã com o conhecido acróstico latino S.A.T.O.R.,

²⁸ PAIVA, José Pedro. **Bruxaria e superstição num país sem “caça às bruxas”.** 1660-1774. Lisboa: Notícias Editorial, 1997, p.16.

²⁹ MELLO e SOUZA, Laura. **O diabo e a Terra de Santa Cruz.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986, pp. 120-121.

³⁰ **Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão Pará (1763-1769).** Texto inédito e apresentação de José Roberto do Amaral Lapa. Petrópolis: Vozes, 1978, pp.236-239, 250-258, entre outros.

³¹ **CRUZ DE CARAVACA.** Orações misteriosas de grandes virtudes e eficácia para toda classe de enfermidades. São Paulo: Empresa Editora “O Pensamento”, 1951 - 19a. edição, pp. 29-30. SAAVEDRA, Juan de. **A Santa Cruz de Caravaca.** Tesouro de Orações. *De grande virtude e eficácia para curar toda a espécie de doenças, tanto do corpo como da alma; contem, além disso, um grande número de práticas de feitiços e encantamentos, com bênçãos e exorcismos.* Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., p.68. BISHOP, Lawrence. **Preces milagrosas.** SP: Nova Sampa, s.d., página não numerada. ANKARA, Pércio. **O genuíno livro da Cruz de Caravaca.** Rio de Janeiro: Pallas Editora, 1987, p. 51. ARAÚJO, Alceu Maynard de. **Medicina rústica.** São Paulo: Editora Nacional, 1979, também a transcreve pp. 239-240. Os folcloristas fartamente anotaram a sua presença.

mas não anotou orações.³² Apesar de permanecer menos de um ano no Brasil, o americano Thomas Ewbank deixou uma obra rica de observações etnológicas do Brasil de 1846. No Prefácio buscou justificar seu interesse pelo catolicismo como uma atitude histórica pela permanência do paganismo, por similitudes entre festas e crenças católicas e as da época pré-cristã, e que seriam no Brasil barreira para o progresso. Tratou de assuntos relacionados com a Igreja Católica, transcrevendo algumas orações retiradas do livrinho chamado “Compêndio de Orações”, que uma devota emprestou-lhe. Destaco a oração dedicada a Santo Antônio³³ que guarda proximidade com vários textos que encontramos nos nossos dias.³⁴ O número dos relatos de viajantes estrangeiros ao Brasil é maior do que estas poucas obras que apresentamos. Elas são exemplos de abordagens sobre a religiosidade popular: um misto de curiosidade, exotismo e condenação do catolicismo como um empecilho ao progresso e à racionalidade.

A partir da segunda metade do século XIX começaram a surgir trabalhos de brasileiros que se preocupavam em recolher materiais da cultura popular. Tratava-se de encontrar no Brasil, através da oralidade, os elementos da cultura ancestral portuguesa. Buscava-se realizar o que Teófilo Braga e Almeida Garret havia feito em Portugal, coletando contos, poesias populares, narrativas de cavalaria etc, que teriam sobrevivido e permanecido na cultura tradicional popular e que dariam os traços da cultura ocidental ao Brasil, já que quase até o final do século XIX havia escasso interesse pelas culturas dos índios e africanos.

Celso de Magalhães publicou uma série de artigos no Recife em 1873. Aí reuniu informações sobre o romanceiro tradicional, poesia popular, lendas, alguns costumes, danças e festas tradicionais. Apesar de não transcrever orações, não deixa de desconhecê-las. Aponta que a oração de Nossa Senhora do Monteserrat era extremamente comum no seio da população do interior das províncias e que as orações de S. Brás, de Santa Bárbara, de S. Jerônimo, de Santa Helena, de Santa Luzia, os leites de Nossa Senhora e outras

³² GARDNER, Georges. **Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841**. São Paulo: Edusp/Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. Tradução Milton Amado, pp.39, 50, 97, 107-108, 129-130.

³³ EW BANK, Thomas. **A vida no Brasil; ou, Diário de uma visita à terra do cacauero e das palmeiras**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1976, pp. 18-19, 252.

³⁴ ARAÚJO, Alceu Maynard de. ob. cit., pp. 250.

eram decoradas e trazidas ao pescoço, para livrar das moléstias de garganta, dos trovões e dos raios, para sonhar com quem se quer e adivinhar o que se deseja saber, para curar doenças de olhos e, finalmente, para impedir que o leite seque nos peitos. A explicação que defende é simplista porque seriam crenças impostas pelos interesses dos propagandistas da fé cristã.³⁵

Vale Cabral (1822-1872) anotou orações que colheu na oralidade, como a do Bem-Aventurado S. Frei Pedro Dias, uma reza para trovoadas e uma oração para Santa Luzia.³⁶

Ainda no século XIX, Mello Morais Filho, em *Festas e Tradições Populares do Brasil*, descreve procissões, missões, encomendações de alma, uma cerimônia para pedir chuva etc, mas não encontramos aí o texto de nenhuma oração, só de cantos religiosos. Mas Mello Morais não as ignorou. Elas estão noutra obra sua, *Os ciganos no Brasil e Cancioneiro dos Ciganos*, onde além de descrever festas e usos ciganos no Brasil, coletou as seguintes rezas: de quebranto, para obter-se o que é difícil, para ver-se a quem está ausente, contra bicheiras e insetos, para chamar a quem está longe, para ter-se notícia de alguém ou saber-se o que se deseja, para prevenir acontecimentos funestos - todas, por vezes, com variações - e, finalmente, para aparecer negro fugido. Destaco esta última: "Almas! almas! almas! - As três morreram afogadas - Todas três, todas seis, todas nove, que se incorporem no coração de fulano! - Que ele não possa parar, nem sossegar, nem aliviar, sem por esta porta entrar!". Esta invocação era declamada suspendendo uma enorme pedra, que colocada na roupa do escravo, torcida em rodilha atrás da porta quando o sino batesse meio-dia. O processo repetia-se por três dias consecutivos, no momento convencional, e, foi assegurado ao autor, que era seguido de êxito.³⁷ Essa oração destoa das que até agora foram publicadas das encontradas nos processos inquisitoriais, pois é uma das poucas que expressamente adaptam velhas fórmulas para uso, no século

35 MAGALHÃES, Celso de. **A poesia popular brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1973. Coleção Rodolfo Garcia, p. 77. Publicada originalmente em 30/07/1873.

36 CABRAL, Alfredo do Vale. **Achegas ao estudo do folclore brasileiro**. Org., introd. e notas de José Calazans Brandão da Silva. Rio de Janeiro: MEC-DAC-FUNARTE - Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978, pp. 119, 54.

37 MORAES FILHO, Mello. **Os ciganos no Brasil e Cancioneiro dos ciganos**. Belho Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1981. Posfácio Silvio Romero; notas Luís da Câmara Cascudo. 1.ª ed. 1886 - Cancioneiro 1.ª ed. 1885, p. 51.

XIX, quando a escravidão de negros ainda existia. É possível que haja muitas outras.

Do final do século passado para este, há a obra vertiginosa de Sílvio Romero. Ele coletou uma quantidade apreciável de preces, como as de Nossa Senhora, da Senhora Aparecida, do Anjo da Guarda, do pelo sinal, da contra espinhela, da contra espinha na garganta, da contra soluço, da contra o cobreiro, da contra argueiro no olho, da do banho, da para antes de deitar, da para amarrar as sezões etc.³⁸

Após Sílvio Romero, os folcloristas não deixaram também de coletar as orações populares, porque perceberam que o material era importante para estudos sobre cultura brasileira e não só para a sobrevivência da cultura portuguesa. Uma análise dessas obras seria um empreendimento que foge aos nossos objetivos. Só lembremos alguns nomes. Antes de mais nada, Câmara Cascudo que em toda a sua volumosa obra não deixou de anotar as orações populares. O procedimento desse autor já é diferente dos que anteriormente mencionei, pois ele busca comparar as rezas populares com as existentes no domínio do folclore de outros povos, dando à sua obra um caráter de vasta erudição. Mas, infelizmente, apesar disto, ele não avançou na interpretação. Seus conhecimentos de história, antropologia e sociologia eram limitados a alguns autores. De qualquer modo, seu domínio sobre o empírico permite ainda hoje que tenhamos um precioso repositório neste campo, principalmente no famoso *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

Ressaltemos, ainda, os trabalhos de Mário de Andrade, de Alceu Maynard de Araújo, de Artur Ramos, de Florestan Fernandes e muitos outros que coletaram e anotaram preces escritas ou orais.³⁹ Estudos sobre comunidades, escritos por sociólogos como Osvaldo Elias Xidieh, Emílio Willems e Antonio Cândido, entre outros, colocaram as preces no contexto de uma dada comunidade e, por vezes, nos dando os textos das mesmas.⁴⁰ Não os nomeando em sua

³⁸ ROMERO, Sílvio. **Folclore brasileiro. 1. Cantos Populares do Brasil**. Tomo II. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954, pp. 660- 678. ROMERO, Sílvio. **Estudos sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977, 2.ªed., p. 42-45.

³⁹ NASCIMENTO, Bráulio (org.). **Bibliografia do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1971. A obra está organizada em índice alfabético; assim, no final há um índice por assuntos. Na p. 325, encontramos: 3.5.. *Crençices e superstições. Tabus. Rezas e orações. Benzeduras*. A quantidade aí anotada é extremamente grande.

⁴⁰ CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975, p. 82-183. WILLEMS, Emílio. **Uma vila brasileira. Tradição e**

totalidade, sabemos que estamos sendo injustos com eles, mas isso foge aos objetivos deste *paper*.

Os arquivos sobre preces populares brasileiras formaram-se, assim, desde o período colonial, demonstrando a permanência delas e ao mesmo tempo a sua historicidade. Houve dois percalços para a formação desses arquivos. Um deles, a própria atitude dos pesquisadores, que ante as crenças populares buscaram mostrá-las como sinônimo de atraso, de ignorância, de irracionalidade etc. Um exemplo desta atitude é a de Getúlio César, autor mais recente, que as considera como geradas pelo medo doentio de pessoas que possuem uma religiosidade exaltada.⁴¹

Outra dificuldade para a formação dos arquivos é a repressão das práticas e crenças religiosas populares. O assunto, por si, demandaria outra pesquisa. Para o período colonial, Laura de Mello e Souza tratou das repressões dos processos inquisitoriais, no entanto, a repressão tomou muitas outras formas. Uma de suas modalidades situa-se no universo das idéias psiquiátricas que justificaram as legislações penais do século XX, onde a opinião do falecido Pacheco e Silva é fulminante. Entre as causas de doenças mentais ele colocava as crenças populares que agiriam sobre indivíduos sugestionáveis e eram difundidas por “tarados” em busca de ganhos fáceis.⁴²

Outra modalidade de repressão é, claro, repressão policial baseada na legislação. A legislação brasileira do século XIX é um pouco mais aberta do que a do período colonial, e as medidas repressivas ligam-se, em geral, às legislações municipais.⁴³ A partir da última década do século passado, a legislação repressiva a crenças religiosas e às medicinas populares terá caráter nacional. O Código Penal de 1890 prescrevia no seu bojo a punição para práticas de magia e

transição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961, pp.136, 143, 154, 156,157. XIDIEH, Oswaldo Elias. **Semana santa cabocla.** São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972. XIDIEH, Oswaldo E. **Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

⁴¹ CÉSAR, Getúlio. **Crendices, suas origens e classificação.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Departamento de Assuntos Culturais, 1975, pp. 17 e 173.

⁴² PACHECO E SILVA, A. C. **Psiquiatria Clínica e Forense.** São Paulo: Editora Renascença, 1951, 2.ª ed., p. 36 e 37. Esta obra foi premiada pela Faculdade de Medicina da U.S.P.

⁴³ MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p.37.

cura que tivessem o objetivo de fascinar e subjugar a credulidade pública. No Código Penal de 1940 e legislação correlata tornamos a encontrar novas punições para a chamada cura por meio secreto ou infalível e, também, o exercício do curanderismo através da prescrição, da ministração ou aplicação habitual, de qualquer substância ou, alternativamente, usando gestos, palavras ou qualquer outro meio ou, ainda, fazendo diagnósticos. Essa legislação baseia-se em argumentos de proteção da “saúde pública”, distintos daqueles da época inquisitorial quando se perseguia usos condenados pela Igreja.

Só se pune algum comportamento se ele existe. Tal legislação penal vem reiterar a existência das preces populares, consideradas como perigosas. Como há séculos atrás, em Portugal antigo, na época em que os bispos as consideravam um atentado ao Cristianismo, passando pela Inquisição na “modernidade” que as considera como obras do demônio, para receber, nos séculos XIX e XX, o repúdio de que são fruto da ignorância de camadas inferiores, até os nossos dias, quando uma jurista, comentando a atual legislação penal, conclui com uma condenação das práticas da religiosidade popular considerando-as fonte considerável de criminalidade, contribuindo para isso as carências culturais, sociais e econômicas e, no aspecto individual, a constituição mental das pessoas. Em sua opinião, “essa criminalidade supersticiosa” seria contida através da melhoria das condições culturais, sociais e econômicas.⁴⁴ Estas opiniões foram escritas em 1980. O que diria sua autora dos anúncios na televisão brasileira de hoje (1999), concitando aos telespectadores a usarem um determinado número de telefone para saber a respeito de seu futuro, de seus negócios, de sua vida amorosa etc? Extremamente cautelosas essas propagandas não falam da saúde – por causa da legislação penal –, mas insinuem. Que diria, então, dos programas na televisão de igrejas pentecostais, inclusive da própria Igreja Católica, prescrevendo curas através do exorcismo e da oração... A legislação penal brasileira perdeu, agora, sua legitimidade ante a realidade das crenças religiosas populares e dificilmente pode ser aplicada.

As preces populares brasileiras têm uma longa história de repressão, mas também história de persistência, de resistência da religiosidade popular. Elas são instrumentos da religião e cultura populares. São fórmulas tradicionais que mantêm seus textos, na maioria das vezes,

⁴⁴ PEIXOTO, Isadora Durval. **Superstição e crime no Brasil**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1980, p. 154.

intactos, perpassando muitas épocas, como procuramos mostrar aqui. Mas, as circunstâncias históricas mudam; estas fórmulas pouco mudaram. Saíram, já há um bom tempo, possivelmente desde os inícios do século XX, do reduto da oralidade difundindo-se também pelo escrito. Hoje, encontramos uma enorme quantidade delas nas bancas de jornal, onde pequenas brochuras têm títulos chamativos, proclamando a sua eficácia para o amor, a saúde e quase todas as adversidades do cotidiano. Nos nossos dias, revistas de cultura alternativa proclamam a eficácia das preces.⁴⁵ Num folheto de propaganda da Editora Ediouro é oferecido, entre outros o livro *Simpatias para o amor* (“*Como conquistar e preservar o amor impossível*”); o adquirente recebe também, como oferta grátis, uma fita erótica *Penthouse* ! Esta apropriação pela indústria cultural aponta para a transformação das orações como mercadoria de um bem simbólico popular, mas também demonstra a sua persistência no imaginário popular, o que permite transformá-las em mercadoria. Aliás, o fenômeno se conjuga, ao mesmo tempo, tanto com crescimento das religiões pentecostais como da Renovação Carismática Católica, que apelam com insistência para a “força” das orações⁴⁶, o que mostra que elas não são monopólio da Igreja Católica, como instituição, mas são componentes estruturais da religiosidade popular.

Por outro lado, durante a seca de outubro de 1993, o jornal *Folha de São Paulo* estampou uma fotografia de penitentes carregando pedras na cabeça, em oração, pedindo chuvas.⁴⁷ Mais recentemente, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma notícia com o título “*Cantadores preservam a recomenda das almas*”, mostrando a existência de um grupo de homens, em Capela do Alto, Estado de São Paulo, que durante a Quaresma saem toda noite para cantar pelos falecidos.⁴⁸

Estes exemplos demonstram que a religião popular tradicional sobrevive na cultura contemporânea e longe de desaparecer totalmente com a modernização e secularização do Brasil, mantém seus meios tradicionais para enfrentar as adversidades do mundo. Os seus fiéis continuam valendo-se da tradição da religião popular como uma espécie de arsenal de instrumentos mantidos pela memória

⁴⁵ Alguns desses pequenos livros foram citados nas notas 3 e 32. A *Revista Planeta*, n.º 184, janeiro de 1988, pp. 32-37, publicou artigo intitulado *A ciência conclui: rezar ajuda*. Dez anos depois, na mesma revista, encontramos na Edição 307, n.º abril 1988, um artigo chamado *O poder curativo da oração*, pp. 64-66.

⁴⁶ **Orações de poder**. Capinas: Raboni Editora, 1992.

⁴⁷ *Folha de São Paulo*, 31/10/1993, Caderno 1, p. 4.

⁴⁸ *O Estado de São Paulo*, 05/04/1998, Caderno Cidades, p. 8.

coletiva, continuamente atualizada em suas práticas e que retém essas palavras estereotipadas que são suas preces. No decorrer deste *paper* utilizamos a expressão “religião popular” de maneira operativa, apesar de hoje ser um conceito controvertido, mas podemos também pensar que suas concepções circularam no passado e ainda circulam nas mais diversas camadas sociais, inclusive ganhando novas formas de expressão. Se na história das preces populares brasileiras encontramos várias filiações para elas, podemos pensar, também, que manteriam a memória de inúmeras concepções teológicas, possivelmente sobrepondo-as. Essa memória lhe garante certa eficácia ante as adversidades do mundo que seus fiéis vivem. Elas podem, na sua origem, ter se valido de diversos gêneros litúrgicos medievais os refundindo e dando-lhes novas conotações. O trânsito entre estes gêneros pode ter fornecido “núcleos temáticos” que foram desenvolvidos pela cultura e religião populares. Isso afastaria uma completa autonomia da religião popular, mas confirmaria a circulação de crenças, mostrando os estreitos limites que se confina uma história que se debruça somente na instituição eclesiástica.

Os historiadores ao tratarem das mudanças religiosas costumam usar um padrão explicativo que as relacionam com as transformações sociais, econômicas, políticas e mentais. Mas no caso das orações populares brasileiras há complexidades para usar tal padrão. Afinal o Brasil de hoje, industrial e urbano não é o das épocas anteriores. A história brasileira dos últimos cinquenta anos é de grandes mudanças sociais, econômicas, políticas e mentais. Mostramos que muitos textos dessas orações correntes em nossos dias advêm, ao menos, desde o século XVI. Como as encontramos também em outros momentos, não se poderia falar no ressurgimento de crenças arcaicas e sim de persistência e de resistência, demonstrando a eficácia de instrumentos tradicionais que competem com as concepções e práticas da modernidade ocidental na cultura brasileira. O estudo do imaginário simbólico das preces populares brasileiras não é um apanhado de fragmentos culturais de épocas recuadas que estranhamente sobreviveram. A visão de mundo delas baseia-se na premissa de que o homem e o mundo podem ser mudados pelo homem com o auxílio de seres sobrenaturais. Trata-se de atitudes vivas, que se expressam valendo-se da religiosidade tradicional que ganha novos sentidos. Tanto é assim que tais preces não são mais só orais: elas estão nos jornais, um dos meios de comunicação por excelência da modernidade.